

O elemento linguístico como marca sociocultural na mídia fronteiriça¹

Karla Maria Muller
Vera Lucia Spacil Raddatz

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, a partir das falas do homem do lugar, o fronteiriço, como algumas práticas socioculturais passam a criar uma cultura influenciada por elementos da fronteira, num espaço delimitado pelas cidades semiconurbadas de Uruguaiana (Brasil) e Paso de Los Libres (Argentina). Tais práticas podem ser encontradas nos meios de comunicação local, fazendo com que estes participem da formação de uma cultura fronteiriça. O trânsito constante de pessoas, bens simbólicos e materiais contribuem para a sedimentação de um processo integracionista latino-americano de fato.

Palavras-chave: mídia local; marcas linguísticas fronteiriças; integração latino-americana

Abstract: *The linguistic element as a sociocultural mark in the border media* — Based on the speech of local people, this article makes an analysis of how some sociocultural practices end up creating a culture influenced by border elements, in a space delimited by the semi-conurban cities of Uruguaiana (Brazil) and Paso de Los Libres (Argentina). These practices can be found in the local media, causing them to participate in the formation of a border culture. The constant traffic of people and symbolic and material goods contribute to the sedimentation of a *de facto* Latin American integrationist process.

Keywords: local media; border linguistic marks; latin-Imerican integration

Linguagem: elemento de difusão da cultura de fronteira

A linguagem verbal é um elemento-mãe na cultura de qualquer povo e constitui-se num importante meio de difusão dessa cultura por diferentes formas, ou seja, pela literatura,

¹ O artigo está baseado em *paper* apresentado no I Fórum Internacional de Diversidade Linguística realizado em julho de 2007 na UFRGS. O texto estabelece os resultados parciais da pesquisa “Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças”, coordenada por Karla M. Müller, e os resultados parciais da pesquisa “Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço da web”, desenvolvida pela Profa. Vera Raddatz para obtenção do título de doutora, ambas em desenvolvimento junto ao PPGCOM/UFRGS.

música, teatro, cinema e veículos de comunicação social. Dependendo da maneira como a linguagem é utilizada, os sentidos e os saberes também passam a ser assimilados. Muitas vezes passamos a entender como vivem determinadas comunidades e seus respectivos comportamentos porque compreendemos sua linguagem e seu conteúdo.

Como sistema estruturado, a linguagem é organizada, precisa e confere a seus usuários a plena liberdade de utilizar essa estrutura para os fins que pretendem, permitindo similaridades e diferenças, construções diversificadas e ângulos próprios a cada lugar. Do mesmo modo, os meios de comunicação, como o rádio e o jornal, utilizam-se desse código para informar, educar e entreter. Mas nem por isso o ouvinte e o leitor ficam presos à estrutura da linguagem enquanto consomem uma informação. Para eles, o importante é a mensagem que está sendo veiculada, fruto de todo um processo de elaboração. Esse processo não é neutro e não está relacionado ao conhecimento que o locutor ou redator tem da língua. No momento da produção, esses agentes também são sujeitos inseridos em determinado contexto e, como tais, independentemente da técnica, deixarão em seu discurso os vestígios dele, de maneira implícita ou explícita. Juntamente com as mensagens da informação aparecem também as marcas da cultura em que vivem, denotadas principalmente pelos aspectos linguísticos.

Ao ouvir com atenção uma emissora de rádio ou ler o jornal de uma região de fronteira, percebe-se que algumas expressões e elementos que aparecem no texto só se justificam ou são compreendidos dentro da cultura local. De certa forma, fazer rádio e fazer jornal dentro de um espaço binacional, como o da fronteira Brasil-Argentina, corresponde não apenas a trabalhar com as informações desse lugar por meio da linguagem padrão, mas também levar em conta que, em si mesmo, o conteúdo do rádio e do jornal mostra-se como um produto dessa cultura, além de representá-la por meio dos fatos que relata.

Na região da fronteira, presencia-se uma mescla linguística muito grande, uma aceitação da língua do outro e a convivência rotineira sem predominância de um ou de outro idioma. E isso lembra Barthes (1996, p. 25): “que uma língua, qualquer que seja, não reprima outra: que o sujeito futuro conheça, sem remorso, sem recalque, o gozo de ter a sua disposição duas instâncias de linguagem”. Na fronteira, os idiomas se fundem, produzindo uma linguagem com características próprias que transparece na mídia.

Assim, as fronteiras culturais dissipam-se pela linguagem e aparecem de modo plural na construção de uma cultura múltipla, que não chega a ser híbrida, mas mesclada, diluída em dois universos, onde os sujeitos são capazes de se desvencilhar de suas origens, sem delas esquecer, e ao mesmo tempo identificar-se com a cultura do outro, criando novas raízes. É esse processo que, todos os dias, pelo contato e vivência, faz a cultura fronteiriça algo muito vivo e em constante transmutação. E a língua, por ser dinâmica, acompanha e traduz essa evolução. As diferentes gerações demonstram que seus usos e falares independem de uma mecânica padronizada. A tradução do espanhol e do português não é literal, mas consequência da sociabilidade entre os povos e da tradição oral que se desenvolve nesse espaço.

Culturas da fronteira e fronteiras da cultura

O termo “fronteira” deriva do latim *fronteria* ou *frontaria*, que significa a parte do território que fica *in fronte*, nas margens. De linha divisória e invisível, a ideia de fronteira

suscitou também o imaginário coletivo, onde residem mitos e lendas, fantasia e realidade. Com o advento das comunicações e das novas tecnologias e, principalmente, pelas formas tradicionais de adaptação que o continente latino-americano foi desenvolvendo desde a sua formação, as sociedades foram aprendendo a se conhecer melhor. Até mesmo os conceitos de fronteira e espaço foram se modificando. Da ideia de fronteira-território chegamos às fronteiras culturais, nas quais estão incluídas as práticas socioculturais que perpassam todas as relações e campos sociais.

Para García Canclini (2003), hoje as culturas são consideradas de fronteira, pois se desenvolvem em relação às outras, desprendendo-se da relação exclusiva com um território, ganhando no intercâmbio, nas permutas. As trocas se dão exatamente na interação entre comunidades a partir de suas práticas, carregadas de elementos distintos e presentes no modo de agir, de pensar e expressar, representar e atuar, atribuindo características específicas a determinados grupos sociais. Assim, “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas” (HALL, 1997, p. 26).

Se levarmos em conta os movimentos históricos e as fronteiras brasileiras, em especial as riograndenses com os países vizinhos do Prata, podemos dizer que temos fronteiras moventes (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2003) ziguezagueadas a partir e conforme as (manifestações estabelecidas pelos) fronteiriços da região. George Yúdice (2004, p. 341) diz que a cultura fronteiriça tem a particularidade com o local, por isso, “susceptível de apropriação pela ubiquidade ou cruzamento de fronteiras do capital e dos artistas transnacionais”. O autor vê uma ligação direta da economia com a cultura nas regiões da fronteira, e a apropriação a que se refere ainda revela influências preponderantes do país mais forte economicamente em relação ao outro. Ou seja, as trocas ocorrem e são inevitáveis, mas, na maioria das vezes, de modo assimétrico. Se, por um lado, com a globalização, as pessoas, as ideias e os fenômenos culturais viajam cada vez mais, possibilitando os intercâmbios; por outro, nos espaços fronteiriços, as trocas se dão sem a necessidade de deslocamento espacial, efetivando-se por meio de práticas que fazem parte da tradição tradutória do continente desde a sua colonização. Nesse sentido:

O embaralhamento das fronteiras, em vez de fazer o sentido de nacionalidade diminuir, o faz crescer. Há uma série de conflitos étnicos e nacionais que mostram como o território continua sendo uma força mobilizadora de sentimentos internos. A criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estão desaparecendo. (OLIVEN, 2006, p. 206)

O fato de diferentes povos conviverem e partilharem das mesmas preocupações e angústias os aproxima, mas o fato de situarem-se politicamente em territórios diferentes pode também significar tensão e conflito. Boaventura de Sousa Santos (2001, p. 151) afirma que “as culturas nacionais, enquanto substâncias, são uma criação do século XIX, são como vimos, o produto histórico de uma tensão entre universalismo e particularismo gerido pelo Estado”. Assim, as fronteiras nacionais funcionam como janelas, que tanto

podem abrir-se para receber e emitir influências de toda ordem, especialmente culturais, como também podem fechar-se para impedir o contato com o meio externo. O Estado é uma instância de poder que controla de modo direto essas janelas e por isso tem um papel duplo: “por um lado, diferencia a cultura do território nacional face ao exterior; por outro lado, promove a homogeneidade cultural no interior do território nacional” (SANTOS, 2001, p. 151). Essa homogeneidade cultural, no caso do Brasil, praticamente não ocorre por causa da sua extensão territorial e da diversidade étnica de seus imigrantes. No caso da fronteira Uruguaiana-Libres, grande parte dos imigrantes que ali se estabeleceram nas últimas décadas é de descendência árabe-palestina, impulsionando principalmente o comércio local. Mas antes deles, os portugueses, os espanhóis e, em geral, os imigrantes dos quatro continentes que povoaram a América produziram a colonização ocidental e exerceram influências sobre a cultura que ali se desenvolveria.

Não é possível ignorar os efeitos dessa colonização ocidental e as reações dali advindas. De acordo com Gruzinski (2001), em a história não se pode conhecer a profundidade desse processo. Esse autor utiliza-se dos termos “mestiçagem” e “hibridação” para explicar as misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre os povos dos quatro continentes, desenvolvidas dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico. Destaca também que essas misturas seriam provocadas pela conquista do território, que trouxe também o imaginário do Velho Mundo. Segundo ele, duas culturas que pertencem a uma mesma “zona estranha”, ao se aproximarem e se misturarem são como “dois modos de expressão e comunicação”; esse fenômeno pode se transformar em uma nova realidade e adquirir uma autonomia imprevista.

A chegada do livro, do jornal, do rádio e da televisão produziu uma mudança radical na forma de olhar o outro. O sentido de proibido deu lugar à curiosidade e, mais recentemente, ao desejo, não de conquistar o território, mas de olhá-lo, descobri-lo, conhecê-lo com profundidade, quase se sentindo parte dele. Desse modo, a mídia da fronteira, como o jornal e o rádio, aparecem como veículos que não têm apenas a função de informar, divertir e educar, pois invariavelmente, por estarem integrados a um contexto de cultura de fronteira, acabam sendo porta-vozes das práticas sociais do lugar: mostram o outro, provocando, ao mesmo tempo, um movimento reflexivo de valorização e autoconhecimento.

Espaço de diversidade cultural: Uruguaiana-Libres

Não é certamente a importância econômica de um território ou suas dimensões que determinam suas características culturais. Brasil e Argentina, além de manterem acordos políticos e econômicos, fazem fronteira em espaços de significativa diversidade cultural. Mas é a relação cultural que interessa, porque mesmo no âmbito econômico são os fatores culturais e sociais que ajudam a legitimar determinados acordos por meio das práticas vigentes na região.

As práticas culturais estabelecidas na fronteira têm uma relação direta com a comunicação; a “comunicação constitutiva da cultura” a que se refere Martín-Barbero (2003, p. 68): “as

culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos". Não podemos pensar as práticas culturais sem considerar que reconhecemos nossa identidade quando a confrontamos com a identidade do outro, e quando percebemos e respeitamos nossas diferenças.

Os comportamentos sociais, as manifestações artísticas, as relações com o meio-ambiente e social, as formas de lazer e diversão, as temáticas que colocamos como prioridade nas nossas discussões, os hábitos e tradições que trazemos do passado e as novas maneiras de viver e fazer o presente constituem um conjunto de situações que aqui traduzimos como práticas culturais, e que são representadas pela mídia de alguma maneira.

Em Uruguaiana, na fronteira Brasil-Argentina, o rádio feito pela Charrua AM é um rádio para os uruguaienses, até porque a audiência em Libres, por exemplo, não é grande. A cidade possui emissoras de rádio, com programação também local. O mesmo argumento explica a audiência inexpressiva das rádios de Libres em Uruguaiana, salvo algumas situações especiais.

Mesmo assim, o fenômeno linguístico que ocorre em outras fronteiras pode ser encontrado também em Uruguaiana-Libres. É comum o locutor brasileiro conversar em espanhol com algum participante da programação e isso não exige tradução, pois os ouvintes estão familiarizados com o idioma. O que há de interessante da participação de argentinos na programação é a familiaridade com que é feita a conexão por telefone. Em clima de cordialidade, o locutor e o radiouvinte argentino conversam como se estivessem numa sala de visitas, na mesma cidade e no mesmo país.

Algo semelhante ocorre com a mídia impressa local. Existem jornais produzidos em Paso de Los Libres que são destinados prioritariamente àqueles leitores. Do mesmo modo, *O Jornal de Uruguaiana*, produzido e em circulação principalmente no município de Uruguaiana, tem como público-alvo o leitor brasileiro. Mesmo assim, existem cidadãos argentinos (ou descendentes destes) que habitam o outro lado da ponte ou vivem em Uruguaiana que leem o periódico brasileiro. Em determinadas situações, em especial nas quais o foco central diz respeito à fronteira ou ao fronteiro, não só os uruguaienses são convidados a falar para o jornal, mas os *libreños* também. Estes, pela proximidade e familiaridade que têm com o espaço, sentem-se à vontade em dar sua colaboração, até mesmo quando esta manifestação é iniciativa do leitor.

A língua como prática sociocultural fronteiriça

A língua, considerada um dos patrimônios culturais de um povo e referência de identidade nacional, na região de fronteira, reveste-se de outras características, pois os idiomas se misturam, expressões novas despontam para serem entendidas muitas vezes somente naquele contexto. É interessante verificar como se dá essa relação linguística e o processo de comunicação interpessoal nesse espaço. Falantes de línguas diferentes, mesmo sem falar o idioma do outro, aprendem a compreendê-lo. Geralmente não o falam, retiram dele palavras e expressões, adaptam-nas para a sua língua e seu cotidiano e

fazem fluir a comunicação diária. Isso se repete dos dois lados da fronteira, produzindo trocas, vendas, negociações, amizades e relações matrimoniais.

Um processo simples de comunicação que acontece na convivência cotidiana ganha outra dimensão quando transferido para os veículos de comunicação, porque nesse processo de transferência desaparecem alguns dos códigos comuns de comunicação para entrar em cena outros. Os códigos do rádio podem ser percebidos quando há situações de entrevistas pessoais, enquetes, coberturas ao vivo, participação do ouvinte pelo telefone. Já no jornal impresso, aparecem esses elementos em reportagens especiais, colunas assinadas e páginas dedicadas a informações sobre o país dos *hermanos*, como se diz no sul do Brasil. A comunicação dos veículos tem como norma a língua padrão, mas o rádio e o jornal de fronteira não deixam de abastecer-se de outros elementos linguísticos característicos do espaço de fronteira, valorizando as marcas do lugar.

No que diz respeito às práticas socioculturais que aparecem na programação do rádio de fronteira, a primeira característica que se manifesta é a questão linguística, que vem reforçada também pela música. Na fronteira Brasil-Argentina, quando observamos a Rádio Charrua AM, de Uruguaiana, emissora pioneira na região, verificamos que o veículo de comunicação reproduz essas marcas por meio de sua programação, difundindo em todo o território de seu alcance aquilo que constitui as práticas culturais do espaço físico no qual está inserido.

Na mídia impressa, essas marcas também se fazem presentes, mas de modo mais sutil. O *Jornal de Uruguaiana* deixa documentado em suas páginas o que a expressão escrita solicita: um pouco mais de rigor e fidelidade à língua vigente nacionalmente. Mas, mesmo assim, nos espaços de opinião, mais livres dessas regras, os autores e colonistas se deixam assumir como homens da região, mesclando em seus textos (incluindo fotos e ilustrações) expressões que demonstram qual é o seu lugar de fala, isto é, inserem-se no espaço, demonstrando a proximidade que têm no contato estabelecido com o morador/leitor que vive do outro lado da linha divisória.

O rádio do lado brasileiro tem penetração no país vizinho e o jornal fica disponível nas bancas, possibilitando que qualquer transeunte interessado nas notícias locais obtenha o periódico. Embora as fronteiras físicas dos países limítrofes estejam demarcadas, outras fronteiras como a língua e o desenvolvimento político, econômico e social constituem fatores que, ao mesmo tempo, fazem a diferença e a identidade dos estados nacionais. Mas, pelas vozes presentes no rádio e no jornal fronteiriços — que aparentemente não obedecem às demarcações geopolíticas — esses limites são ultrapassados, e as diferenças, em boa parte, assimiladas.

Como as diferenças são visíveis e há também muitas semelhanças nesse contexto, o rádio funciona como elemento, primeiro, identificador dessas variáveis, e, depois, como articulador de um processo em que se dão as práticas socioculturais da fronteira, muitas vezes fortalecidas pelos textos presentes nas páginas dos periódicos locais. Nos espaços fronteiriços aqui analisados, Brasil e Argentina, as diferenças que existem dissipam-se ou são amenizadas pelas semelhanças, algumas vezes por serem naturalizadas, outras por

contingências do momento ou por necessidade, para evitar conflitos latentes, normais em espaços de contato de culturas nacionais distintas.

Para constatar as práticas que definem os movimentos do homem da fronteira, ouvimos alguns multiplicadores de informação que nos disseram o que pensam sobre o espaço por eles habitado e sobre a condição de ser fronteiriço. A partir das suas falas é possível concluir como constroem e reproduzem o conceito que têm de fronteira e de fronteiriço e de que modo a mídia corrobora com essa sedimentação.

Sujeitos no espaço de diversidade cultural

Em um trabalho coletivo realizado na cidade de Uruguaiana,² foram ouvidos professores, pastores, comunicadores e líderes comunitários que deixaram sua opinião sobre a vivência num espaço fronteiriço. São pessoas que transitam em ambos os lados da linha divisória e convivem com brasileiros e argentinos diariamente. A partir desse exercício investigativo, e com o objetivo de compreender o fenômeno de fronteira, buscamos “perceber os aspectos valorativos e normativos que são referências de um grupo em particular” (COSTA, 2005, p. 181). Explorando a temática sobre as práticas socioculturais locais foi possível verificar nos depoimentos algumas marcas mais fortes que os identificam como fronteiriços, e o espaço, como fronteira. Sobre a língua e as trocas culturais entre ambos os lados destacamos alguns trechos que seguem:³

— “Eu cheguei aqui em Uruguaiana com quatorze anos, em 77. Os primeiros tempos tu notava a diferença, a começar pelo sotaque. Porque passado um ano, eu voltei *prá* fazer uma visita na minha terra e de longe eu já fui considerado da fronteira, porque eu já tinha adotado sotaque.”

— “Eu faço um trabalho pela Igreja, sou pastora [...] Eles entendem muito bem, não precisa pregar em espanhol [...], embora a gente se entenda mutuamente, algumas vezes a gente acaba falando, porque a gente fala, bem dizer, o *portunhol*.”

Como é possível constatar, a mescla na língua é uma prática muitas vezes consciente. Mas muito além do uso da língua, há a percepção que as misturas são culturais e se dão em várias frentes. Muito além das expressões idiomáticas, elas demarcam a existência de mais de uma cultura nacional:

— “Eu, por exemplo, fiz a primeira série no Uruguai e aqui no Brasil, então as palavras às vezes me confundem, às vezes eu tenho dificuldade de escrita, porque eu fui alfabetizada em duas línguas. Então isso aí é algo que *prá* mim, daqui de Uruguaiana, é natural. [...] Então têm muitas coisas, que os familiares vieram trazendo e a gente continua

² Graças à aplicação da técnica de Grupo Focal, obtivemos informações que facilitaram a leitura sobre o que significa viver em um espaço nacional marginal, próximo — mas muito próximo — de um povo que habita outro território nacional, com língua, leis e regras peculiares.

³ A transcrição das falas será fiel aos depoimentos coletados.

repetindo. E isso a gente não percebe porque nós nascemos aqui, na fronteira. [...] E nós achamos que não têm influência porque nós nascemos e vivemos aqui.”

Além da cultura, os fronteiriços consideram o comércio e a busca por produtos de consumo pessoal no outro lado (da ponte) como movimentos importantes que impulsionam as trocas e fortalecem o intercâmbio entre os habitantes do espaço:

— “Eu vejo que todos os acontecimentos, desde o câmbio, até o comércio, e até a própria travessia da ponte, influenciam na vivência, tanto em Uruguiana como em Paso de Los Libres. Porque, é mesmo como ele *tava* falando, há quinze, vinte anos atrás, talvez mais, eu lembro que minha avó fazia, denominava, naquela época ‘chibeira’. [...] Então até o próprio comércio influencia na nossa linguagem no dia-a-dia.”

Fica visível a compreensão que eles têm das suas diferenças, vistas a partir do território, na convivência com os habitantes de outros espaços fronteiriços:

— “Se tu for situar em marcos geográficos, tu vai ver que a fronteira não ultrapassa os limites das cidades [...] Até pelo fator linguagem. Tu vai ver que o espanhol da fronteira aqui, tu entende, quem vive entende, mas se tu pegar o espanhol de Buenos Aires, tu já vai ver que tu não entendes...”

Se por um lado os depoimentos demonstram o que é feito pelo habitante local para tornar viável — e agradável — a vida na fronteira; por outro, há uma reclamação para que o espaço e a população que o ocupa (e o cria e transforma cotidianamente) seja vista com mais generosidade:

— “Eu penso que sou fronteiriço sim, mas a nossa luta é *prá* não termos fronteiras, fronteiras culturais, como econômicas. Essa é a luta do fronteiriço, *prá* não ter fronteira. [...] que a gente possa fortalecer e estreitar essas relações em todas as áreas.”

A partir dos exemplos aqui expostos podemos dizer que as formas de ver e viver esse fenômeno de fronteira é bastante peculiar para os sujeitos que fazem parte dele, pois:

Los temas y los relatos — colectivos, institucionales, familiares o personales — se manifiestan como universos de sentido en los cuales nos reconocemos como identidad, como sujetos yoicos en una realidad dentro de la cual podemos hacer-construir sentido.
(VIZER, 2003, p. 165)

A mídia local como copartícipe do processo integracionista

Mesmo empregando poucos vocábulos utilizados na língua do país vizinho, torna-se inevitável que os meios de comunicação incluam em seus textos expressões que demonstram a mescla cultural entre os povos que habitam os dois lados da linha divisória. Como já observamos em estudos anteriores (que temos desenvolvido desde 1999), a mídia produzida nos espaços de fronteira acaba acionando a estratégia de naturalizar as línguas mais faladas na região, marcas culturais do local, ao apresentarem textos em português e espanhol (ou castelhano, como chamam o idioma os habitantes fronteiriços, ou mesclar as duas línguas

em um *portunhol*). Essa prática, de modo geral, passa a ser aceita pelos leitores e radiouvintes porque é usualmente empregada nas falas da população fronteiriça.

Nas edições do *Jornal de Uruguaiana*,⁴ o mais antigo em circulação na cidade, a segunda página destina uma coluna para notas cuja denominação é *Sueltos*. Em uma destas notas — “Ponte Mui Amiga” (29 dez. 2004, p. 2) —, o periódico critica o procedimento de profissionais da RBS-TV que, em um programa televisivo, confundiram a denominação da ponte que liga Uruguaiana a Libre (Ponte Internacional Agustín Justo/Getúlio Vargas) com a “Ponte da Amizade” (que liga o Brasil com o Paraguai, em Foz de Iguaçu). Em outra coluna (*Jornal de Uruguaiana*, 1º dez. 2004, p. 11), em nota intitulada “Fronteira Livre”, a crítica é dirigida às barreiras comerciais impostas aos moradores locais que transitam pela Ponte Internacional e diz: “Atualmente, não se pode comprar um quilo de carne, nem uma maçã do lado de lá. Aqui eles não podem comprar um *pollo* e nem produtos vegetais ou animais”.

Na página 24 do *Jornal de Uruguaiana* (8 set. 2004), o colunista reproduz um diálogo presenciado por ele dias antes e trechos de uma música e de um texto em espanhol. Dessa forma, o autor do texto se permite (e o leitor aceita) escrever no espaço que o jornal lhe concede um texto que mescla as duas línguas: “O argentino, todavia, nada entendia e perguntou: *Que se pasa?* Ao que o meu amigo respondeu: *Que se pasa yo nada se...*”. Outro exemplo, da presença de marcas linguísticas nas práticas socioculturais dos fronteiriços diz respeito à vivência campeira e gauchesca, muito semelhante em ambos os países que fazem divisa naquele espaço. Essas marcas estão presentes também em letras de canções, como é o caso da canção vencedora da 33ª edição da Califórnia da Canção Nativa, intitulada *Muchas gracias*, como relata o jornal (*Jornal de Uruguaiana*, 8 dez. 2004, contracapa).

Vê-se que, na maioria das vezes, as expressões em espanhol aparecem grifadas nas páginas do periódico, reforçando, pela presença dessas marcas nos textos, as práticas socioculturais corriqueiras no espaço fronteiriço.

Na programação da rádio Charrua de Uruguaiana, podemos notar a força com que a ideia da linguagem da fronteira incorpora-se na rotina de um locutor-apresentador.⁵ Édson Rebés, apresentador do programa Desenvolvimento e Cidadania (12 nov. 2006), utiliza a expressão “Que bárbaro, rapaz!”. O termo rapaz é muito comum na fronteira para denominar o sexo masculino (independentemente da idade), o que difere das demais regiões; por sua vez e de modo geral, a expressão bárbaro é bem mais empregada pelos argentinos do que pelos brasileiros. No mesmo programa, que teve como tema a questão da indústria do vinho em Uruguaiana, observa-se que todas as referências à cultura do vinho foram buscadas no país vizinho — a Argentina — e no Chile, o que demonstra os fortes laços não só econômicos, mas também culturais com esses países.

As mesmas questões de fronteira, que envolvem língua e economia, também pontuam o programa Desenvolvimento e Cidadania, sobre a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL)

⁴ Coleta realizada em 2004. Esse material faz parte do *corpus* de análise da pesquisa “Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças”, desenvolvida junto ao PPGCOM UFRGS e coordenada pela Profa. Dra. Karla M. Müller.

⁵ Coleta realizada em 2007. O material constitui-se em exercício analítico da tese que está sendo desenvolvida por Vera L. S. Raddatz junto ao PPGCOM UFRGS.

(5 nov. 2006), quando o entrevistado, Jorge Lopes (presidente da entidade), remete às dificuldades do comércio: “O Paulo (referindo-se ao colega da CDL) sempre comenta: ‘desta sanga não passa’; só que a sanga está mais longa, *larga*”. Essas expressões são coloquiais na fronteira e fazem referência tanto ao rio Uruguai, que divide Uruguiana e Libres, quanto aos obstáculos enfrentados por aqueles que moram na região em decorrência do comércio. Vale destacar que a expressão *larga* em espanhol significa amplitude longitudinal, denominada em português por longa.

Em outro programa pela Charrua, o “Conversas de Sábado” (7 out. 2005), Édson Rebes deixou escapar a influência da língua dos *hermanos* argentinos em sua fala: “O Dr. Luis Alberto ressaltou uma coisa que aprendi agora no Congresso sobre a síndrome plurimetabólica e olhando para *nosotros*, né”. A palavra *nosotros* está tão incorporada à cultura local que tanto serve para identificar a segunda pessoa do singular em Uruguiana ou na Argentina e é perfeitamente aceitável naquele contexto, seja ele midiático ou não.

Nos exemplos acima, percebe-se o entrecruzamento de vários campos que abrigam as práticas constitutivas do tecido social. Como destacam os depoimentos concedidos pelos fronteiriços, a presença de um caldo cultural complexo não se faz presente apenas no uso de expressões que pertencem a um linguajar bem próprio do lugar. As marcas da integração também comparecem no modo discriminado com que o fronteiriço é tratado, nas letras das músicas, nas trocas comerciais, nas referências ao jogo de truco etc., indispensáveis para garantir a sobrevivência do homem da região, distante dos grandes centros urbanos, nos quais estão sediados os poderes regionais e nacionais.

Considerações finais

A realidade das fronteiras nacionais é bastante peculiar. A mídia funciona como a representação concreta das relações que se estabelecem na sociedade, a partir dos interesses e desejos desta, decorrentes de crises, conflitos e necessidades que se criam no dia a dia de vizinhança. O rádio de fronteira é a antena capaz de captar esses fluidos e energias que estão no ar e transformá-los não apenas em notícia, mas em voz; o jornal impresso torna-se documento, registrando em suas páginas as práticas socioculturais colocadas em curso pelos habitantes locais.

Ao mesmo tempo em que o rádio precisa dar conta dos fatos dentro de um contexto de nação, precisa se desdobrar em sua natural dinamicidade, para ser eficiente enquanto meio de comunicação que reconhece o seu alcance num espaço físico que não diz respeito apenas ao seu país de origem. Nesse aspecto, o rádio de fronteira trabalha sob uma ótica que concebe o fazer rádio como um exercício de reconhecimento das práticas culturais e sociais que permeiam a realidade de países separados por um marco geopolítico, mas aproximados pela rotina e experiências de sua população e ligado umbilicalmente pela formação histórica desde a colonização. O jornal impresso, mesmo que quisesse, não poderia resistir às marcas do outro no espaço local, e esses sinais concretizam-se não só nas palavras e nas imagens que ilustram as páginas, mas também a partir de seus agentes,

dos sujeitos trazidos à cena, dos acontecimentos e do próprio cenário, permeados de características demarcatórias de um espaço diferenciado, o de fronteiras nacionais.

Apesar das diferenças culturais e linguísticas, que na região de fronteira tendem a ser amenizadas pela convivência e pelas relações humanas, o rádio e o jornal desses espaços reproduzem possibilidades de vida, quase como uma resposta às angústias existenciais ou sociais. Através da língua, das imagens, da música e da informação, produzem cultura ou propiciam alternativas para sua manifestação. Assim, a mídia local é copartícipe e, ao informar, transmite ideias e ideais de um todo diversificado. Dentro dessa cultura, por meio da comunicação, a realidade se fragmenta com a possibilidade sempre viva de transformação e nascimento do novo.

Os meios de comunicação fronteiriços incorporam os elementos fundamentais da vida cotidiana do lugar. Essas relações encontram na mídia local um espaço público para sua sedimentação e ampliação, porque não estão restritas apenas ao plano pessoal. Ao mesmo tempo em que supõem e propiciam a ligação entre os ouvintes e os leitores de nações vizinhas, o rádio e o jornal se apropriam das mensagens para também fortalecer sua função de meio de comunicação num espaço de domínio público. Pela língua, que não se constitui apenas de um sistema de signos que serve à comunicação, a mídia produz efeitos de sentido.

É pela convivência natural de dois universos culturais que se constitui um dos aspectos das identidades fronteiriças, ou seja, pela aceitação do outro, do estranho, como algo que integra sua própria cultura. Assim, manifestações que não são próprias do lugar se enraízam em determinada cultura e passam a ser uma de suas marcas.

A mídia de fronteira pode estimular o desenvolvimento não apenas de uma unidade cultural e de um processo integracionista de fato, mas provocar a discussão sobre a realidade, o questionamento a respeito das relações existentes entre os hemisférios de fronteira para a redescoberta dos valores dessas sociedades e da maneira como interagem. Assim como mudam os conceitos e as concepções das coisas, a cultura como elemento vivo constrói novas nuances. Por isso, nesse meio, o rádio e o jornal podem interagir como mediadores da construção de uma identidade da fronteira, considerando as particularidades e as similaridades contextuais.

Referências

BARTHES, Roland (1996). *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 jan. 1977. 10. ed. São Paulo: Cultrix.

CANCLINI, Néstor García (2003). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp.

CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.) (2004). *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: UFRGS; IEL.

COSTA, Maria Eugênia B. (2005). Grupo focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas.

GRUZINSKI, Serge (2001). *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras.

HALL, Stuart (Org.) (1997). *Representation: cultural representation and signifying practices*. Sage/Open University: Londres/Thousand Oaks/New Delhi.

MARTÍN-BARBERO, Jesús (2003). Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record.

MÜLLER, Karla M.; GERZSON, Vera R. S.; EFROM, Bianca (2007). *Interconexões de fronteiras culturais: entre o local e o organizacional*. ACM/ACJ Fronteira. Texto enviado para III ENECULT.

OLIVEN, Ruben George (2006). *A parte e o todo: a diversidade cultural do Brasil-nação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

SANTOS, Boaventura Sousa (2001). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez.

VIZER, Eduardo A. (2003). *La trama (in)visible de la vida social: comunicación, sentido y realidad*. Buenos Aires: La Crujía.

YÚDICE, George (2004). *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG.

KARLA MARIA MÜLLER é jornalista, relações públicas e publicitária. Doutora e mestre em comunicação; professora e membro da Comissão Coordenadora do PPGCOM/ UFRGS e da Comissão Editorial da revista Intexto. Representante da UFRGS no Comitê Acadêmico Mercosul e Integração/ Associação de Universidades Grupo Montevideu (CAMI/AUGM). Assessora *ad hoc* do CNPq. Autora e coautora de artigos e livro. Diretoria do Instituto de Comunicação, Cultura, Educação e Formação Política Alberto André e da Associação Riograndense de Imprensa.

kmmuller@orion.ufrgs.br
www.midiaefr,onteira.com.br

VERA LUCIA SPACIL RADDATZ é radialista. Mestre em Comunicação Social e Doutora em Comunicação pela UFRGS. Professora do Curso de Comunicação Social da Unijuí e integrante do corpo docente do Curso de Pós-Graduação Especialização "Gestão de Processos de Comunicação". Autora e coautora de artigos. Integrante do projeto Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças, em desenvolvimento junto ao PPGCOM/ UFRGS, faz parte do projeto Comunicação e Práticas Socioculturais no Mercosul, ambos coordenados pela Profª Drª Karla Maria Müller (CAMI/ AUGM). Coordena a revista *Formas e Linguagens* e a Coleção Linguagens/ Editora Unijuí.

verar@unijui.edu.br

*Artigo recebido em maio de 2008
e aprovado em agosto de 2008.*